

“CONGRESSO EVANGÉLICO DOMINADO POR VERMELHOS”: A CONFERÊNCIA DO NORDESTE PELAS LENTES DO MOVIMENTO PRESBITERIANO FUNDAMENTALISTA (1962)

“Evangelical congress dominated by the red”: the northeast conference through the lens of the fundamentalist presbyterian movement (1962)

Carlos André Silva de Moura¹

Saymmon Ferreira dos Santos²

RESUMO:

O artigo tem o objetivo de analisar a Conferência do Nordeste, realizada em 1962, na cidade do Recife, a partir das narrativas das lideranças do Movimento Fundamentalista Presbiteriano, que se manifestavam contrárias às proposições do evento. Neste sentido, valendo-nos das contribuições da História Cultural, buscamos compreender como os eclesiásticos construíram uma representação social em torno do congresso, que havia sido estruturado por intelectuais progressistas dos mais diversos ramos dos protestantismos. As fontes utilizadas partiram da imprensa de Pernambuco, com destaque para o *Diário de Pernambuco*, *Última Hora* e o jornal da Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil, *A Defesa*. As análises destacaram como foram elaborados os discursos acerca da Conferência do Nordeste e como as ideias anticomunistas foram utilizadas pelos opositores com o propósito de deslegitimar a convenção, em conjuntura política de efervescência em torno das Reformas de Base.

Palavras-chave: Igreja Presbiteriana do Brasil; Israel Furtado Gueiros; Progressistas; Conferência do Nordeste.

ABSTRACT

The article aims to analyze the Conference of the Northeast, held in 1962, in the city of Recife, from the narratives of the leaders of the Presbyterian

1 Doutor em História pela UNICAMP, Professor Associado / Livre-docente do Curso de História da Universidade de Pernambuco (Campus Mata Norte). Docente permanente do Programa de Pós-graduação em Ensino de História (ProffHistória) e do Programa de Pós-graduação em Culturas Africanas da Diáspora e dos Povos Indígenas. Pós-doutor em História na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), com estágio como Investigador Visitante Sênior no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (ICS/UL). Professor permanente do Programa de Pós-graduação em História da UFRPE. Contato: carlos.andre@upe.br.

2 Doutorando em História pela Universidade Federal Rural de Pernambuco. Mestre em História Social da Cultura Regional na Universidade Federal Rural de Pernambuco. Graduado em História, Bacharelado, pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Contato: saymmon.doutorado@gmail.com.

Fundamentalist Movement, which was contrary to the propositions of the event. In this sense, using the contributions of Cultural History, we seek to understand how the ecclesiastics built a social representation around the congress structured by progressive intellectuals from the most diverse branches of Protestantism. The sources used came from the Pernambuco press, with emphasis on *Diário de Pernambuco*, *Última Hora* and the newspaper of the Fundamentalist Presbyterian Church of Brazil, *A Defesa*. The analyzes highlighted how the speeches about the Northeastern Conference were elaborated and how the anticommunist ideas were used by the opponents with the purpose of delegitimizing the convention in a political conjuncture of effervescence around the Basic Reforms.

Keywords: Presbyterian Church of Brazil; Israel Furtado Gueiros; Progressives; Northeast Conference.

Introdução

O artigo analisa a construção e a disputa de representações em torno de um encontro promovido pelo Setor de Responsabilidade Social da Igreja (SRSI) da Confederação Evangélica Brasileira (CEB). Há 60 anos, a Conferência do Nordeste, realizada no Colégio Presbiteriano Agnes Erskine, na cidade do Recife, reuniu teólogos e lideranças protestantes, além de pensadores das ciências sociais, como Gilberto Freyre, Paul Singer e Celso Furtado, com o propósito de buscar uma solução cristã para a crise na esfera político-social durante o início do governo de João Goulart.

Para um dos participantes da Conferência, o Rev. Joaquim Beato, a Conferência do Nordeste foi “um momento de confraternização e diálogo acima das barreiras denominacionais, foi um momento de coragem, pois já se tramava o golpe militar contra o governo” (BEATO, 2012, p. 27). Para outros evangélicos, alinhados com o conservadorismo teológico e político, a exemplo do presbiterianismo fundamentalista, o evento revelava a infiltração de agentes da filosofia marxista e do comunismo nos protestantismos brasileiros.

O encontro promovido por esses intelectuais nos provê indícios de como o universo religioso esteve interferindo no mundo político, assim como o político esteve estruturando os campos religiosos, seguindo a linha do pensamento da historiadora Aline Coutrot que nos adverte que as igrejas são “corpos sociais dotados de uma organização que possui mais de um traço em comum com a sociedade política” (COUTROT, 2003, p. 334). Veremos, nas próximas páginas, como esse enfrentamento de representações sobre a IV Convenção do SRSI ultrapassou os limites institucionais das denominações evangélicas brasileiras, obtendo destaque nas páginas da imprensa pernambucana. A Conferência do Nordeste sinalizou o ápice da circularidade dos discursos progressistas entre as denominações evangélicas até março de 1964. A partir de então, com a subversão da ordem política levada a cabo por

militares, muitos teólogos, clérigos, seminaristas e leigos, que foram se apropriando dos novos discursos progressistas, foram perseguidos ou até mesmo expulsos das instituições das quais eram integrantes. Admitimos a contribuição da historiadora Elizete da Silva, que definiu um protestante progressista como “aquele com uma visão aberta, não necessariamente modernista em termos teológicos, que admite novas ideias e novas perspectivas na interpretação de doutrinas e nas práticas religiosas” (SILVA, 2010, p. 35).

A pesquisa está localizada nas propostas da História Cultural, campo da historiografia responsável por redefinições teóricas e metodológicas para as pesquisas históricas. Essa corrente foi entendida por Roger Chartier como uma resposta aos desafios impostos por outras ciências sociais que mantinham o domínio do campo intelectual francês até a década de 1960 (CHARTIER, 2012). Até essa data, grande parte dos trabalhos históricos esteve enclausurada nos campos hegemônicos da história econômica e social, favorecendo as grandes estruturas e os olhares deterministas, do ponto de vista histórico.

Ao lidar com as fontes, o historiador não se depara com a verdade em si, mas com uma realidade social que foi construída por meio de uma representação. A partir das elucidações de Roger Chartier, pôde-se analisar a relação entre as representações e os interesses dos grupos que as forjaram, relacionando os “discursos proferidos com a posição de quem os utiliza” (CHARTIER, 2002, p. 17). Para o historiador, “não há prática ou estrutura que não seja produzida por representações, contraditórias e afrontadas, pelas quais os indivíduos e grupos dão sentido a seu mundo” (CHARTIER, 2002, p. 66). Classificadas como contraditórias, as representações são colocadas no campo de concorrência e de competições “cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação” (CHARTIER, 2002, p. 17). Dessa forma, as representações dão cabo às construções de teologias, doutrinas, símbolos e práticas que estão em disputa na afirmação da doutrina “verdadeira” (COSTA, 201, p. 14).

Levando em consideração as renovações nos estudos históricos com a introdução de novos temas, o historiador não pode desprezar as fontes periódicas que, nas palavras da historiadora Tania Regina de Luca, “cotidianamente registram cada lance dos embates na arena do poder” (LUCA, 2011, p. 128). Com a presença de periódicos nesta pesquisa, compreendermos que os veículos de informação não são neutros e isolados dos acontecimentos políticos e sociais; antes, atendem a uma dinâmica complexa de poder, de instrumentos de manipulação de interesses e de intervenção na vida social (CAPELATO, 1980, p. 19). Diante do exposto, recorreremos às fontes da imprensa a fim de percorrermos os labirintos da produção do anticomunismo, a partir do movimento fundamentalista presbiteriano, em torno da Conferência do Nordeste de 1962.

Protestantes defendem que a Igreja deve assumir a vanguarda da Revolução Social

Torna-se necessário enfatizar a pluralidade que desenha as formas de se pensar a Teologia entre os grupos protestantes. Um simples movimento de trocar de uma emissora televisiva é suficiente para nos darmos conta da multiplicidade de denominações, linguagens e práticas em torno do terreno evangélico. Tal como ocorre em nossos dias, os meados do século passado marcaram o que Rubem Alves chamou de “convulsão intelectual” nos meios protestantes (ALVES, 1982, p. 166). Nos anos de 1950, o Brasil atravessava um período de fermentação político-social, em decorrência dos processos de urbanização e rápida industrialização. Por outro lado, o nacional-desenvolvimentismo³ desnudava os aspectos contraditórios da sociedade, da miséria e do atraso que revestiam grande parcela da população do país.

Os encontros dos jovens evangélicos com os espaços acadêmicos e os movimentos ecumênicos no Brasil propiciaram “rachaduras” teológicas entre as novas lideranças leigas e os poderes burocráticos controlados por uma liderança mais antiga, desejosa de manter o controle sobre a membresia. As rápidas mudanças sociais cooperaram para ampliação das fronteiras dos modos de pensar e fazer teologia no país. Para Hélerson Silva, o movimento protestante de jovens “possibilitou uma verdadeira experiência ecumênica ao contar, em seus quadros, com um pluralismo de idéias [...] nos anos de 1950” (SILVA, 2002, p. 17).

Preocupados com a formação de um movimento de cooperação entre as igrejas evangélicas e uma participação mais eficaz, no que tange aos debates políticos e sociais do Brasil, em junho de 1934 se organizou, sob a liderança do Rev. Epaminondas Melo do Amaral, a Confederação Evangélica do Brasil (CEB). Os estatutos oficiais definiam que a CEB deveria: fazer representação coletiva das igrejas confederadas; realizar tarefas de interesse geral de seus membros; promover a ação conjunta das igrejas associadas, no cultivo da fraternidade cristã; manter relações fraternais, como Confederação, com organismos e igrejas evangélicas que confessassem que “Jesus Cristo é Senhor e Salvador” (RAPP, 1965, p. 26). Mais tarde, nos meados de 1950, a CEB se juntou ao Conselho Mundial de Igrejas (CMI), que foi constituído em 1948, na cidade de Amsterdã, com a presença de mais de 350 delegados, constituindo-se como a principal organização ecumênica em nível internacional (OLIVEIRA, 2009, p. 127).

Com relação à CEB, participavam as seguintes denominações na condição de membro efetivo: Igreja Cristã do Brasil, Igreja Episcopal Brasileira, Igreja Evangélica de

3 O movimento que ficou conhecido como nacional-desenvolvimentismo projetava tornar a economia brasileira menos dependente do setor primário com a implantação de uma forte indústria nacional. O período desenvolvimentista teve o seu início ainda na década de 1930, sob a liderança política de Getúlio Vargas e obteve o auge durante o governo de Juscelino Kubitschek.

Confissão Luterana no Brasil, Igreja Metodista do Brasil, Igreja Metodista Livre do Brasil, Igreja Presbiteriana do Brasil, Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, União de Igrejas Evangélicas Congregacionais e Cristãs do Brasil e a Igreja do Evangelho Quadrangular. A estrutura estava dividida em seis departamentos: Imigração e Colonização, Literatura, Ação Social, Atividades Religiosas e Educativas, Juventude e o mais importante para nossa pesquisa: Estudos (Setor de Responsabilidade Social de Igreja - SRSI). O Departamento de Estudos, através do SRSI, foi o mais ativo da CEB, promovendo as conferências nacionais de estudos em 1957, 1960 e 1962.

Todavia, faz-se necessário salientar que, antes das três conferências promovidas pelo SRSI, houve um encontro nacional, na cidade de São Paulo, em 1955, organizado pela Comissão de Igreja e Sociedade, órgão autônomo à CEB, com o tema direcionado para *Consulta sobre a Responsabilidade Social da Igreja*. Discutiu-se sobre a orientação e educação dos evangélicos para a participação na vida política, a relação das igrejas cristãs em face do avanço do comunismo e a aproximação dos cristãos com as causas alusivas ao proletariado industrial (SILVA, 2010, p. 106). No Brasil, eram as primeiras articulações de um protestantismo progressista interessado em buscar na teologia cristã, com o auxílio das ciências sociais, respostas para as crises sociais e políticas. Sob a coordenação de Waldo Aranha Lenz César (1923 – 2007) no Setor de Responsabilidade Social da CEB, o encontro contou com a participação do estadunidense Rev. Richard Shaull, precursor da Teologia da Libertação, responsável por apresentar aos estudantes do Seminário Presbiteriano do Sul, localizado em Campinas, a Escola da Neo-Ortodoxia, composta por teólogos que eram interessados na proposição de novas linguagens teológicas para compreender as demandas do tempo presente (CONN; STURZ, 1984, p. 80).

Em continuidade às discussões iniciadas no primeiro encontro, a Comissão Igreja e Sociedade (que mais tarde recebeu o nome de Setor de Responsabilidade Social da Igreja) promoveu a segunda conferência na cidade de Campinas, em 1957, com o tema: *Igreja e as rápidas transformações sociais do Brasil*. Nesse encontro, foram retomadas as pautas da última reunião, propondo estudos no que tange à responsabilidade cristã na esfera político-social. Naquela ocasião, incentivou-se a participação de cristãos em núcleos partidários e estudos sobre os problemas políticos do país. (SILVA, 2010, p. 110). Observa-se que, progressivamente, o paradigma de que crente não deveria se envolver com “questões mundanas”, representado por uma teologia absenteísta, norteadá apenas para as questões espirituais e que se tratava de uma herança do puritanismo, foi perdendo valor para esse segmento evangélico. Por último, recomendava-se a presença dos cristãos nas experiências das zonas rurais, por meio de auxílios e empreendimentos no campo, sem avançar muito nas propostas de Reforma Agrária. Apesar do baixo número de participantes, em torno de cinquenta pessoas, chama-se a atenção para a presença de

católicos no encontro, ressaltando o posicionamento ecumênico das reuniões do SRSI.

O terceiro encontro também ocorreu no Estado de São Paulo, dessa vez com o tema *A Presença da Igreja na Evolução da Nacionalidade*, em 1960. O contexto do encontro era marcado por ampla discussão em torno das ideias de reforma e nacionalidade. O segmento progressista mostrava-se aberto para o diálogo, além das cercas teológicas, recebendo, na conferência, o sociólogo Florestan Fernandes, fundador da Escola Paulista de Sociologia. Outro convidado foi o historiador Sérgio Buarque de Holanda, que não pôde comparecer ao evento. A conferência transcorreu em meio ao otimismo, com a proposta do plano de governo do presidente Juscelino Kubitschek, em contraste com o aumento do empobrecimento que demarcava as zonas periféricas. Sessenta e uma pessoas assistiram aos estudos e palestras da III Conferência, representada por treze denominações (SILVA, 2010, p. 118).

Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro

Entre os eventos organizados pelo Setor de Responsabilidade Social da Igreja, o que mais desperta atenção na historiografia do protestantismo é a IV Conferência, que recebeu o título de Conferência do Nordeste, em virtude das ressonâncias emitidas nas tessituras do protestantismo no Brasil. Foi o primeiro encontro que ocorreu fora do eixo Sul-Sudeste, tendo como sede a cidade do Recife, entre os dias 22 e 29 de julho de 1962, nas dependências do Colégio Presbiteriano Agnes Erskine.

Encarava-se que a situação do Brasil era revolucionária e a resposta para a realidade brasileira seria “Cristo”. O presidente da organização nacional do evento, Rev. Almir dos Santos, justificou a escolha pelo Nordeste devido ao fato de a região estar no cerne das preocupações da política nacional e internacional, em razão dos avanços das mobilizações sociais capitaneadas pelas Ligas Camponesas. Deve-se lembrar que o presidente dos EUA, John Fitzgerald Kennedy (1917-1963), teria enviado o seu irmão para acompanhar os problemas sociais da região. A segunda justificativa colocava o Nordeste como o ponto mais crítico da crise brasileira. Recife era citada como “moscousinha brasileira” pelos setores conservadores (CÉSAR, 1962, p. 13). Por último, desejava-se integrar as igrejas da região à Confederação Evangélica Brasileira. Conhecidas as justificativas, podemos nos questionar quanto à atmosfera pernambucana que tanto despertava a atenção daqueles presbiterianos. Havia riscos para uma revolução comunista por essas terras?

Em Pernambuco, próximo da data da Conferência do Nordeste, despontava uma associação de camponeses, oriundos do Engenho Galiléia, localizado no município de Vitória de Santo Antão, em torno das dificuldades que os trabalhadores rurais tinham quanto ao pagamento do foro (aluguel), cobrado mensalmente, pelo uso das terras. Trata-se da Sociedade Agrícola e Pecuária dos Plantadores de Pernambuco (SAPPP) que, mais

tarde, recebeu o nome de Liga dos Camponeses. Em outubro de 1960, um dos jornais de maior influência no Ocidente, o *The New York Times*, enviou o jornalista Tad Szule para acompanhar de perto as tensões em torno dos movimentos que eclodiram das zonas rurais. O historiador Pablo Porfírio destacou que, entre 31 de outubro e 1º de novembro de 1960, o periódico estampava a matéria com o título: “A pobreza do Nordeste do Brasil gera ameaça de Revolta” (PORFÍRIO, 2008, p. 44). Nesse aspecto: “o Nordeste, especificamente Pernambuco, descrito no “The New York Times” apresentava-se como pré-revolucionário ou inserido em um processo de revolução quase que irreversível” (PORFÍRIO, 2008, p. 45). Em 1961, o 1º Congresso Camponês foi marcado pelo enérgico discurso de Francisco Julião (1915-1999), com a defesa de que “a reforma agrária será feita na lei ou na marra, com flores ou com sangue” (FERREIRA, 2019, p. 321).

Em outubro de 1962, Miguel Arraes de Alencar (1916-2005) foi eleito governador do Estado de Pernambuco, através de uma plataforma política que ia das forças de esquerda, setores progressistas da Igreja Católica e dos protestantes até líderes sindicais da zona rural. Para Severino Vicente, o governo de Arraes “teve que manter um caráter nacional reformista e confrontar-se com uma oposição de direita, ao mesmo tempo em que era assediado por forças mais radicais de esquerda desejosas de uma ação mais firme na direção das mudanças sociais” (SILVA, 2014, p. 104).

Sobre o tema escolhido para a conferência, *Cristo e o processo revolucionário*, pode-se inferir que trouxe certo “dissabor” para as lideranças conservadoras protestantes, na medida em que o termo revolução não estava presente na linguagem controlada pela ética puritana e pietista. O pensamento teológico conservador considera a estrutura social como dada, ou seja, as estruturas são produtos da providência divina, uma vez que a “questão não é transformar as estruturas, mas transformar os homens” (ALVES, 1987, p. 219). Contrariando essa perspectiva, para justificar o tema, o reverendo Almir dos Santos descreveu a década de 1960 como período de exaltação em torno da agenda revolucionária. Tratava-se de um tempo de excitação política das forças populares em favor das reformas de base. Diante da polêmica que envolvia o tema, registra-se a preocupação do Presidente do Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil, o Rev. Amantino Adorno Vassão (1910-1997), que destacou:

Há coisas que, à primeira vista, espantam. O subtítulo, por exemplo: “Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro”. Entendem alguns que o que vemos, no Brasil, não é um “processo revolucionário”, na expressão mais exata do seu conteúdo e do seu objetivo. Na realidade Cristo, o meigo e suave Salvador, promoveu a maior revolução que a História registra, sem violência, com as armas do amor. (Em contraste com as

Cruzadas sangrentas em que a Igreja saiu derrotada – encontramos) a Igreja Primitiva e Post-Apostólica vencendo e dominando o Império Romano com a pregação pacífica do Evangelho (CESAR, 1962, p. 01).

Depreende-se que, para o Rev. Amantino Vassão, a linguagem revolucionária não era própria dos protestantes. Nessa perspectiva, a revolução simbolizava desordem, derramamento de sangue e ações armadas. A resposta dos cristãos deveria vir por meios pacíficos, por reformas, sem promover grandes mudanças estruturais. Toma-se, como exemplo, as primeiras comunidades cristãs dos primeiros séculos, subjugadas ao fustigo do Império Romano, mas que não confrontavam os seus dominadores por meio das armas.

A escolha do título “*Cristo e o processo revolucionário*” tencionava despertar uma nova consciência para o papel dos protestantes no que se refere às questões sociais. É curioso notarmos que, antes da institucionalização da Teologia da Libertação, no final da década de 1960, os protestantes, em diálogo com setores católicos, já se articulavam para discutir, por trilhas teológicas, a realidade social do país, questionando qual o papel dos evangélicos nesse processo de mudanças socioculturais. Foi considerando essa observação que o teólogo Richard Sturz lembrou que a Teologia da Libertação encontrou suas primeiras bases nos teólogos protestantes, ainda na década de 1950, resultado dos trabalhos do presbiteriano Richard Shaull (CONN; STURZ, 1984, p. 80).

A Conferência do Nordeste, assim como o III Encontro do SRSI, propiciou o encontro de intelectuais e pastores progressistas com outros nomes da intelectualidade brasileira, a exemplo de Gilberto Freyre e Celso Furtado. A organização contou com a participação de 14 denominações e 167 participantes, incluindo delegados dos EUA, do México e do Uruguai. Evidenciaram-se as presenças de Richard Shaull, Rubem Alves, Joaquim Beato, entre outros atores. Além do uso do termo revolução no tema, a presença de intelectuais que não pertenciam ao território da teologia foi contestada por alguns conservadores. Em um livro de tons críticos à Confederação Evangélica Brasileira, Robert S. Rapp registra o comentário de que:

Na conferência do Nordeste, em 1962, em Recife (a qualquer reunião de estudo do Setor de Responsabilidade Social da Igreja da C.E.B), um dos conferencistas foi Celso Furtado, diretor da SUDENE durante o regime do Presidente João Goulart, um homem cujo contato e relações com o partido comunista antes de 31 de março é hoje um fato indiscutível. Outro orador foi o Prof. Gilberto Freyre, socialista, não evangélico, que falou sobre o assunto “O Artista – servo dos que sofrem”, [...] Não há êrro algum necessariamente, em um crente evangélico (como indivíduo) ouvir as idéias destes homens se tem êle o discernimento suficiente para separar

as boas idéias das más. Mas é uma coisa inteiramente diferente quando a igreja de Cristo, como coletividade, convida um que não é evangélico para falar aos crentes a respeito de suas responsabilidades perante Deus e sua missão para com o mundo perdido (RAPP, 1964, p. 21).

O posicionamento de Rapp nos revela como o sectarismo se notabilizou na teologia conservadora dos protestantes ao questionar a presença de intelectuais de outras áreas das ciências sociais em um congresso organizado por protestantes. A fim de desqualificá-los, o autor do livro fez a aproximação dos dois personagens com as ideias marxistas, embora Gilberto Freyre tenha apoiado com entusiasmo o golpe civil-militar de 1964. A análise da fonte nos indica que, para o escritor, as ciências sociais não serviam como lentes para os cristãos analisarem a situação sociopolítica do país, operação que caberia apenas aos pensadores protestantes à luz das escrituras. Rubem Alves contribui com a discussão ao afirmar que, na relação entre fé e ciência, os últimos critérios de verdade para julgamentos são os textos das escrituras, na forma sistemática como são apresentadas por meio das confissões (ALVES, 1979, p. 119). O pensamento teológico dos protestantes conservadores valoriza o aspecto da individualidade, acredita que as transformações, os movimentos, as estruturas sociais e a ideia do progresso partem do processo de conversão individual, tanto que a afirmação “converta o indivíduo e a sociedade se converterá” é recorrente entre os púlpitos evangélicos até o nosso presente.

Ao se aproximar a data de abertura, a Conferência do Nordeste apareceu nas manchetes da imprensa pernambucana. O periódico *Última Hora* estampou em sua capa: *Cristo presente na crise brasileira*. A matéria contou com a participação de Waldo César que destacou a importância daquele encontro para os evangélicos e a sociedade brasileira. Para organização do evento, a temática do Cristo e o processo revolucionário brasileiro queria refletir que “a nossa crença não é algo sem relação com o mundo em que vivemos. Pelo contrário, Cristo está presente no meio da crise que atravessamos e ele não é indiferente à sorte dos que sofrem injustiças e passam fome e não tem esperança” (ÚLTIMA HORA, 22 jul. 1962). Para o autor, o propósito da conferência era estudar as grandes transformações sociais, além do ensinamento revolucionário de Jesus Cristo e a missão das igrejas diante da situação específica do Nordeste como núcleo irreversível da revolução brasileira (ÚLTIMA HORA, 22 jul. 1962, p. 07).

O local escolhido para a abertura da Conferência do Nordeste foi o Teatro do Parque, localizado na região central da cidade do Recife. Tratava-se de um domingo, 22 de julho, e a plateia contava com a presença do presidente da Câmara dos Deputados, Deputado Paulo Guerra, juntamente com o governador do Estado, Cid Sampaio. O prefeito da cidade do Recife, Miguel Arraes, encaminhou como representante o Sr.

Luiz Portela, que era prefeito da cidade de Palmares, na Mata Sul do Estado. Também participava o representante do Comando Militar da VII Região. A União Nacional dos Estudantes (UNE) integrou a programação de abertura com a apresentação de uma peça. O Reverendo Metodista Almir Santos, como representante do SRSI, foi o responsável por ser o orador daquele primeiro encontro.

CONFERÊNCIA DO NORDESTE, CRISTO E O PROCESSO REVOLUCIONÁRIO BRASILEIRO



Fonte: Arquivo Interno da Igreja Presbiteriana do Recife

O cartaz feito pelo metodista Claudius Ceccon para representar a Conferência do Nordeste era composto pela presença da cruz, em uma posição central, acompanhada de ferramentas agrícolas, com destaque para a presença da foice. Com a entrevista concedida por Waldo César, ex-secretário executivo do Setor de Responsabilidade Social da Igreja, à revista eletrônica Novos Diálogos no ano de 2011, tem-se a informação de que o cartaz tinha o vermelho como uma das cores predominantes, presenças de signos que foram utilizados pelos críticos da conferência para associá-la com uma propaganda de agenda comunista (EDITORES, 2011).

Em 23 de julho de 1962, o jornal Última Hora publicou uma matéria que tinha por título: “Evangélicos: novos rumos para a igreja dentro da revolução” (ÚLTIMA HORA, 23 jul. 1962). O preletor defendeu que “aquêles que se rebelam contra a revolução pacífica são responsáveis pela revolução violenta” (ÚLTIMA HORA, 23 jul. 1962). Para os progressistas protestantes, a “revolução” deveria ser tomada pelos protestantes, antes que os marxistas ou socialistas a fizessem.

Outro discurso bastante aguardado foi o do economista Celso Furtado,

representante da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE). O palestrante discorreu sobre as “reflexões sobre a pré-revolução brasileira”. Defendia que havia três condições que justificariam o estágio pré-revolucionário no país. A primeira remetia às marcantes concentrações de riqueza, excluindo o campesinato e trabalhadores dos benefícios em torno do desenvolvimento. A segunda se relacionava com a desordem estrutural, na medida em que os setores urbanos gozavam de privilégios advindos do progresso, enquanto os camponeses se encontravam circunscritos em relações que remetiam ao feudalismo, marcadas pelas precárias condições de trabalho e sem desfrutarem de participação política. Por fim, o economista destacou que os contrastes dos dois primeiros pontos impulsionariam uma progressiva conscientização das massas populares, impelidas por melhorias sociais: a Revolução Brasileira. Com relação à aproximação intelectual com setores críticos do capitalismo, a historiadora Elizete da Silva avaliava que “ao mesmo tempo em que refletiam sobre os profetas judaicos do século VI a. c., discutiam a ebulição nordestina com o mentor intelectual da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene) (SILVA, 2010, p. 121)”.

No fim da noite da segunda-feira (23), as últimas palavras ficaram sob o encargo do sociólogo Gilberto Freyre, que fez uma provocação a uma plateia repleta de teólogos. Declarava que chegava a hora de os protestantes irem além dos “insignes” gramáticos, fazendo referência aos intelectuais e pastores Eduardo Carlos Pereira, Jerônimo Gueiros e Otoniel Mota. Era necessário ampliar a influência das igrejas evangélicas no processo de enriquecimento dos meios culturais brasileiros. Para intelectual pernambucano, embora as denominações protestantes proporcionassem o surgimento de escritores como Euclides da Cunha, poetas com a intensidade de Manuel Bandeira, compositores, a exemplo de Villa Lobos, faltavam artistas e intelectuais evangélicos com responsabilidade para denunciar os abusos da classe dominante, interessada na manutenção do *status quo* em troca da conservação de seus privilégios.

O reverendo João Dias de Araújo, professor do Seminário Presbiteriano do Norte, foi o responsável pela preleção do terceiro dia da conferência, no Colégio Agnes, onde discutiu sobre os aspectos acerca da Revolução do Reino de Deus. O eclesiástico e outros conferencistas do ramo teológico partiam em direção aos profetas do Antigo Testamento para justificar a posição contestatória quanto à realidade das estruturas sociais. A mensagem de Cristo se revelaria pelo convite ao processo de conversão social, não pelo uso da força ou arma. Para o palestrante, almejar a harmonia social é caminhar com perspectiva na chegada do Reino de Deus, não sendo encarada como mera utopia, mas como responsabilidade do cristão para o presente. Diferentemente dos eventos conduzidos pela classe de trabalhadores, tese defendida pelos marxistas, a revolução do Reino de Deus seria a afirmação da soberania de Deus sobre a História, oferecendo uma segura diretriz

para a humanidade no presente. Ainda em sua fala, destacou que os protestantes deveriam estar “na vanguarda dos movimentos de transformação do mundo contemporâneo. O clima revolucionário do século XX é percebido através da revolução marxista-leninista, da revolução racista, da revolução nacionalista [...] da revolução do proletariado.” (ÚLTIMA HORA, 25 jul. 1962). Todavia, a revolução do Reino de Deus estava dentro do “vulcão” revolucionário. Para Araújo:

Foi tanta a displicência dos cristãos que a palavra justiça foi arrebatada da bandeira cristã para ocupar lugar de destaque na bandeira vermelha do materialismo. A palavra justiça está mais na boca dos ateus do que de cristãos. Esse trecho da preleção do rev. João Dias de Araújo, pronunciada hoje, às 09 h no Colégio Agnes. [...] Explicou o Conferencista que chegamos ao ponto em que, quando um cristão começa falar em justiça, é considerado inimigo do cristianismo, mas que tais acusações não devem assustar a ninguém (ÚLTIMA HORA, 24 jul. 1962).

O pastor João Dias de Araújo acusou os protestantes de negligenciar a luta por uma ordem social justa e fraterna, bandeira desfraldada pelos comunistas e socialistas. Denunciava o comprometimento dos poderes burocráticos das instituições evangélicas com a legitimação da ordem econômica dominante e excludente nos países considerados periféricos nas relações do sistema capitalista. Em sua visão, os cristãos haviam se distanciado dos marginalizados e oprimidos, que agora se encontram “seduzidos” pelos discursos e organizações comunistas. Ainda no discurso, o reverendo enfatizou que a “Igreja, ao invés de se posicionar como instrumento de justiça, tem sido condescendente com a injustiça dos patrões contra os empregados” (ÚLTIMA HORA, 25 jul. 1962). Afirmava que as teologias que eram aprendidas nos seminários brasileiros, relacionadas com teólogos e intelectuais dos séculos XVII e XVIII, não davam conta para uma compreensão da realidade social brasileira e a formulação de uma ética que contribuísse para a construção de uma nova ordem.

Fazendo coro à posição do Rev. João Dias, o teólogo e pastor presbiteriano Domício Pereira de Mattos (1916 - 2010), no ano de 1965, através da obra “Posição Social da Igreja”, defendia que os métodos de ensino, as mensagens nos púlpitos, além dos serviços religiosos de tradição reformada estavam presos no passado, sem grandes impactos ou ressonâncias perante a sociedade brasileira. Nesse aspecto, em tom de alerta, o Rev. Domício abraçava a perspectiva de que a América Latina estava se tornando cada vez mais coletivista, em reação ao individualismo, logo, as igrejas protestantes deveriam estar na vanguarda das reformas estruturais, antes que essas fossem tomadas sob o jugo das influências dos teóricos

do marxismo. Por esse prisma, o teólogo indicava que os setores conservadores das igrejas evangélicas estavam aceitando, ou até mesmo contribuindo, com o “jôgo dos extremistas”, nesse caso, os comunistas, que ficavam com a honra de se apresentarem como os únicos interessados no progresso e no bem-estar da sociedade (MATTOS, 1965, p. 11).

Para um dos conferencistas, o Bispo Edmundo Scherrill, o país precisava de uma nova ordem social que estivesse de acordo com as propostas cristãs. Scherrill manifestava-se contra a criação de partido cristão, acrescentando que não era responsabilidade das igrejas a manutenção de colégios, hospitais, de tal forma que essas funções desviavam a missão precípua da Igreja, que consistia em trazer os homens ao reconhecimento de Deus. Todavia, a Igreja não poderia se conformar com a exploração, e, nesse sentido, os protestantes deveriam se infiltrar nas classes revolucionárias. A criação de sindicatos, entidades e partidos cristãos poderia esvaziar outros movimentos políticos já consolidados (ÚLTIMA HORA, 26 jul. 1962, p. 01).

A presença de uma linguagem nova, comprometida com o enfrentamento de questões sociais, e o desejo de conectar o pensamento religioso com as ideologias críticas do sistema capitalista, causaram desconfortos na estrutura eclesiástica conservadora. Entre os críticos dessa correspondência, destacava-se o reverendo Israel Furtado Gueiros, pastor da Igreja Presbiteriana do Recife que pertencia ao Movimento Fundamentalista no Brasil. O Rev. Israel Gueiros já era conhecido por suas polêmicas, quando denunciou a presença de modernistas, ecumênicos e comunistas na Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB), nos meados da década de 1950. Em 1956, foi destituído do cargo de ministro da IPB, acusado de incitar e promover um cisma na Instituição ao propor a criação de um novo seminário que não estivesse sob a influência do modernismo (SOUZA, 2019, p. 152). Afastado da Igreja Presbiteriana do Brasil, o Rev. Israel Gueiros, contando com o apoio da maioria de membros da Igreja Presbiteriana do Recife, local em que o eclesiástico exercia o pastoreado, procedeu com a organização da Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil (IPFB) em setembro de 1956, com sede em Recife (PE). A IPFB, junto com outras denominações evangélicas brasileiras de tendência fundamentalista, era filiada ao Concílio Internacional de Igrejas Cristãs liderado pelo reverendo estadunidense Carl McIntire (1906-2002).

As linhas da Conferência do Nordeste foram desenhadas em volta de um processo de radicalização, no auge de uma Guerra Fria e do macarthismo estadunidense, no qual se espalhava o medo de um confronto em escalas nucleares entre as potências EUA e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). Em agosto de 1961, um ano antes do evento, dava-se início à construção do muro em Berlim, que simbolizava a divisão do mundo em dois blocos. A radicalização alcançou as igrejas brasileiras, na medida que não viviam para além da sociedade, reproduzindo os embates políticos que transpunham a cena política do país.

Presbiterianos Fundamentalistas reagem à Conferência do Nordeste

Em 24 de julho de 1962, o jornal *Diário de Pernambuco* apresentou matéria com o título: “Congresso Evangélico Dominado por Vermelhos: Pastor Denuncia”. No início do texto, o reverendo Israel Furtado Gueiros (1907-1996), autor da acusação, indicava que se tratava de uma acusação contra uma “minoría evangélica” classificada como “comunistas” e “agitadores”. O motivo que levou o pastor fundamentalista a se posicionar contra a Conferência do Nordeste era o seu “constrangimento” em ter que explicar aos leitores que nem todos os evangélicos são “comunistas” e que a maioria dos líderes protestantes nada possui com os participantes e com a propaganda daquele encontro. De acordo com a matéria:

O Rev. Israel F. Gueiros, pastor da Igreja Presbiteriana do Recife, protesta contra uma minoria evangélica que realiza nesta capital uma “reunião de terminologia, processos e propagandas caracteristicamente comunistas” em colégios americanos suicidas. [...] A propósito da reunião de terminologia, processos e propagandas caracteristicamente comunistas, que se realiza em dois colégios evangélicos e no Teatro do Parque, nesta cidade, patrocinada pela Confederação de Igrejas Evangélicas do Brasil, que se deixou envolver por agitadores, temos a declarar ao grande público que a esta altura está considerando todos os evangélicos como comunistas, ou pelo menos socialistas, que nós realmente evangélicos que aceitamos os fundamentos da fé cristã como se acham na Bíblia Sagrada, nada temos com aqueles líderes nem com a propaganda que lá se faz. Somos constrangidos a vir a público para não ser confundidos com as correntes apóstatas do cristianismo evangélico que, por não terem mais os fundamentos da fé cristã histórica, atiram-se na senda suicida do comunismo que se apelida de socialismo. [...] Eis a razão por que recusamos aparecer publicamente em tal união e nos reservamos no direito, que ainda temos no Brasil, de combater as ideias ali propugnadas e a mistura de líderes cristãos com materialistas e pastores que se dizem pregadores do Evangelho da Graça do Nosso Senhor Jesus Cristo (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 24. jul. 1962, p. 03).

Para o reverendo Israel Gueiros, os evangélicos devem propor mudanças políticas e sociais distantes de qualquer processo revolucionário. Denunciava que a Confederação Evangélica do Brasil (CEB), ao apoiar e propagar o regime socialista, estava contribuindo para o fim da liberdade religiosa, que seria instalada assim que os “inimigos da liberdade

individual”, os comunistas, subissem ao poder. Nesse sentido, o termo “evangélico” não poderia ser utilizado para se referir àquela conferência considerada “suicida”.

O rev. Israel Gueiros comungava da visão teológica de que a realidade social é apresentada como uma estrutura fixa e que cabe ao cristão percorrer a história como peregrinos em busca da eternidade (ALVES, 1979, p. 268). Em razão desse fator, lembra que Jesus Cristo nunca defendeu a queda de qualquer regime por processos revolucionários. Ao contrário, teria ensinado que as autoridades vêm de Deus, e que devemos a elas estar sujeitos enquanto não interferirem com as nossas relações com Deus, “pois importa antes obedecer a Deus do que aos homens” (DIARIO DE PERNAMBUCO, 24 de jul. 1962, p. 03). Nessa perspectiva, cabe aos cristãos buscarem em primeiro lugar o Reino de Deus, não pelo prisma defendido pelo Rev. João Dias de Araújo, que todas as outras coisas serão acrescentadas. Por outras palavras, Israel Gueiros defendia uma proposta de teologia absenteísta.

Para alertar os leitores dos “perigos” em torno de uma possível implantação do regime comunista no Brasil, o reverendo Israel Gueiros citou o livro *Cuba Estopim do Mundo*, do deputado evangélico por Minas Gerais, Athos Vieira de Andrade, que se referia à nacionalização de todos os colégios protestantes no regime de Fidel Castro, aos quais receberam nomes de líderes comunistas como: Karl Marx, “Jesus Minendez e Tulio Antonio Mella (sic)” (DIARIO DE PERNAMBUCO, 24 de jul. 1962, p. 03). O líder fundamentalista também mencionou que uma Igreja Batista teve suas atividades religiosas suspensas por determinação do governo de Fidel, revelando a faceta autoritária do regime ao impor o poder secular sobre a religião, cerceando a liberdade de consciência.

Uma segunda fonte de acusação veio através do presbítero Ebenezer Furtado Gueiros, pertencente ao Conselho da Igreja Presbiteriana do Recife vinculada à Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil. A matéria foi publicada também no *Diario de Pernambuco* e, nesse momento, podemos perceber que o periódico se apresentava favorável aos discursos dos presbiterianos fundamentalistas, com o objetivo de ratificar as denúncias feitas pelo Rev. Israel Gueiros na edição anterior. O texto recebeu o título de “Conferência Evangélica, infiltrada de vermelhos, faz propaganda subversiva” (DIARIO DE PERNAMBUCO, 29 jul. 1962, p. 12). Buscava-se apresentar ao leitor indícios da presença “vermelha” na Conferência do Nordeste. Nessa direção, temos o seguinte registro:

A infiltração vermelha na citada Conferência é evidente a começar do cartaz de propaganda de 95x65 cm em fundo vermelho, com uma cruz inclinada, tangida por um vendaval do qual sobressai uma foice. Contém os seguintes dizeres: “Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro”. Se ao C da palavra Cristo se juntar em sentido horizontal ao T da mesma palavra, teremos a conhecida e estilizada figura da foice

e do martelo. Este cartaz foi afixado aos milhares pelas ruas da cidade. [...] Não ficam por aí as coincidências... Nos livros expostos à venda pela Conferência, em seu recinto, acha-se a obra de Gondim da Fonseca, “ASSIM FALOU JULIÃO”, na qual à página 69, lê-se o seguinte tópico: “Afinal, Julião, diga-me sinceramente: você é comunista? Comunista é aquele que pertence ao Partido Comunista. Eu pertenço ao PSB. Sou Marxista. Marxista, bacharel em Direito, casado e vacinado” (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 29 jul. 1962, p. 12).

Para Ebenezer Gueiros, a infiltração comunista pôde ser confirmada por meio da presença de signos pertencentes ao imaginário soviético no cartaz da propaganda. A presença da foice, tão utilizada pelos trabalhadores nos grandes canaviais pernambucanos, foi associada a um dos símbolos comunistas. O presbítero também questionou a presença de livros comunistas vendidos enquanto a “Sagrada Escritura” não estava disponível. A presença de intelectuais de outras áreas também foi criticada por Gueiros: “acrescente-se que muitos dos preletores convidados para traçar assuntos não foram recrutados nos meios evangélicos. Ainda que se trate de ilustres e eruditas figuras, em matéria de orientação religiosa nada nos têm a oferecer” (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 29 jul. 1962, p. 12). Por fim, concluiu-se que a presença da linguagem progressista entre os evangélicos deveria ser denunciada antes que ela atraísse milhares de “irmãos em Cristo”, uma vez que se encontrava mais interessada na salvação do corpo do que da alma.

O presbítero fundamentalista também utilizou o espaço da matéria para criticar uma fala do professor Gerson Maciel Neto, catedrático da Faculdade de Direito de Caruaru e assistente da Faculdade de Direito da Universidade do Recife. Na ocasião, palestrou no V Encontro de Líderes da Mocidade Evangélica (Batista), que contava com a participação de 200 delegados. O evento ocorreu no dia anterior à abertura da Conferência do Nordeste e foi sediado no Colégio Americano Batista do Recife. De acordo com a matéria do periódico Última Hora, o docente defendeu que “antes uma revolução, antes o derramamento de sangue, mas que estanquemos a miséria” (ÚLTIMA HORA, 23 de jul. 1962, p. 03). Argumentava que lhe era estranho que muitas pessoas se alarmassem com a ideia de revolução armada enquanto milhares de indivíduos morriam sem assistência médica. Nota-se que o discurso do acadêmico foi além das ideias teológicas defendidas pelos conferencistas do IV Encontro do SRSI. Em resposta a esse argumento, Ebenezer Gueiros pontuou que:

Culminando as evidências assertivas do Rev. Israel Gueiros, vejamos o que um dos preletores, na reunião preliminar havida no Auditório do Colégio Americano Batista, [...] são palavras do prof. Gerson Maciel

Neto: “antes uma revolução, antes o derramamento de sangue, mas que estanquemos a miséria”. [...] “Perguntado sobre que espécies de modificações se referia, o religioso disse claramente que só acredita no sucesso de uma revolução no Brasil se essa revolução for socialista”. Foi este o teor do linguajar de vários preletores. Se isto não é infiltração vermelha, não sabemos mais o que esta seja. Os fatos acima narrados dizem muito mais que qualquer argumentação que possamos apresentar. **Os evangélicos que se advirtam do perigo que os rodeia.** [grifo meu] (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 29 jul. 1962, p. 12)

Embora o posicionamento político do professor Gerson Maciel destoasse dos teólogos progressistas da Conferência do Nordeste, ele foi utilizado pelo Presb. Ebenezer Gueiros para comprovar que o encontro no Colégio Agnes era “perigoso” e infiltrado por agentes comunistas. Dois anos mais tarde, em 29 de abril de 1964, Gerson Maciel foi convocado para comparecer à Delegacia Auxiliar do Estado de Pernambuco, para prestar informações devido às atitudes “subversivas” com aqueles que tentavam mudar a ordem social e política do país, incurso nas penas da Lei de Segurança Nacional da Jurisdição Militar.

Na documentação correspondente ao Inquérito que foi encaminhada ao IV Comando do Exército, encontra-se o depoimento do Rev. Israel Gueiros que afirmou ter recebido o convite para participar da IV conferência do SRSI e que não compareceu em face do “caráter suspeito”, confirmado no cartaz “todo vermelho e onde se divisava uma foice, num trigal, ao lado de uma cruz pendente” (SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA DE PERNAMBUCO, 17 jul. 1964). Durante sua fala, o reverendo lembrou que denunciou ao *Diário de Pernambuco* o “caráter extremista” do encontro. Por fim, enfatizou que nunca procurou participar de reuniões com Gerson Maciel, a quem conhecia como homem de formação política esquerdista, para evitar qualquer interpretação de solidariedade ao acusado.

Ebenezer Gueiros voltou a criticar a Conferência do Nordeste através do periódico *A Defesa*, de circulação interna entre membros das igrejas fundamentalistas, publicado em 07 de outubro de 1962. Para o religioso, o evangelismo nordestino estava sendo “minado” por ideias comunistas, que fugiam do “espírito do cristianismo”, responsabilizando as igrejas pelos problemas sociais assistidos na região. Questionando os objetivos do encontro, considerou que:

Pretende-se envolver a Igreja de Cristo de tal modo, na política, ao ponto de se dispensar precioso dinheiro com custosa propaganda a realização de uma conferência, não para aperfeiçoar os métodos de difusão do Evangelho, aos 60 milhões de brasileiros que dele necessitam, mas para estimulá-los a reconhecer a existência de uma chamada revolução

social que se insinua esteja em marcha. Entendemos, porém, que esta revolução só existe em mente de pequeno número de interessados na implantação de um regime totalitário em nome das classes humildes. Estas porém desejam apenas o mínimo para sua sobrevivência, pois não pretendem trocar o regime de liberdade que ora desfrutam, por outro que acena com vantagens, a trôco do sacrifício do mais nobre apanágio da personalidade humana – a liberdade! [...] Que os crentes evangélicos com a ajuda da graça divina [...] não se deixem impressionar pelos supostos cristãos que estão pregando revolta e o derramamento de sangue (A DEFESA, 07 out. 1962, p. 04).

As linhas da matéria acusam os líderes protestantes progressistas de incitar as massas humildes ao estado de revolta e inconformidade, distorcendo textos bíblicos. Reforça-se que a missão das igrejas é primeiramente de ordem espiritual. Para Ebenezer Gueiros, o “verdadeiro” cristão não deveria se deixar encantar pelas transformações propagadas pelos comunistas, “mundo num paraíso”, pois o próprio Cristo já teria alertado que no “mundo tereis aflições” e que não importava ganhar o mundo e perder sua alma.

A imprensa fundamentalista, que acompanhava as práticas e discursos dos integrantes do Seminário Presbiteriano do Norte, acusado de estar sob égide do ecumenismo e comunismo, denunciava a participação de seminaristas na divulgação da IV Conferência (SOUZA, 2019). Para realizar a denúncia, Ebenezer Furtado destacou os signos do cartaz do evento, sublinhando sua cor, o vermelho, associando-o com a propaganda comunista.

Os alunos do Seminário Presbiteriano do Norte (Recife) tomaram parte ativa na “Conferência do Nordeste” espalhando panfletos e cartazes de propaganda, inclusive aquele de cor vermelha com a foice. Patrocinou o movimento socialista a Conferência Evangélica do Brasil, que parecendo agora deixar de lado a questão ecumênica, volta-se para outro setor adotando processos e propaganda de caráter incompatível com nossos princípios democráticos. (A DEFESA, 07 out. de 1962, p. 5).

A liderança presbiteriana fundamentalista sentia-se na responsabilidade de denunciar os atores suspeitos de propagarem o marxismo. É importante notar que a ideia de comunismo foi ressignificada nos discursos de Israel Gueiros e Ebenezer Gueiros. Em um contexto mais amplo, a reaproximação do Brasil com os países do bloco comunista, durante o governo de João Goulart, possibilitou que se instalassem os temores de “infiltração vermelha” nas comunidades evangélicas. Acreditava-se que Moscou estaria

enviando ao país agentes com compromissos de cercear a liberdade de imprensa e a liberdade religiosa.

Os conferencistas reagiram às acusações dos líderes fundamentalistas. O Rev. Almir dos Santos foi o responsável por refutar as acusações, com publicações no periódico Última Hora, favorável aos progressistas protestantes. Em seu texto, protestou contra os ataques do Rev. Israel Gueiros lembrando as polêmicas do pastor no ano de 1956, quando houve a sentença do Presbitério de Pernambuco, destituindo-o do cargo de ministro da IPB:

Desde que foi expulso do ministério da Igreja Presbiteriana do Brasil, procura boicotar todas as iniciativas que visem uma aproximação dos evangélicos para uma causa comum. [...] lamentamos que um ex-pastor presbiteriano, com suas acusações irresponsáveis, venha lançar confusão quanto à finalidade da Conferência, que tem por objetivo dar uma solução cristã para os problemas sociais brasileiros (ÚLTIMA HORA, 25 jun. 1962, p. 02).

Deve-se atentar para o uso do termo “ex-pastor presbiteriano” atribuído ao Rev. Israel Gueiros, embora, naquele momento, ele fosse pastor da Igreja Presbiteriana do Recife. O que nos leva a uma inferência que o movimento fundamentalista não possuía legitimidade presbiteriana para alguns líderes evangélicos. Em depoimento ao Delegado Álvaro Gonçalves de Castro Lima, da Secretaria da Segurança Pública de Pernambuco, Israel Gueiros relatou que após a acusação feita no *Diário de Pernambuco*, os dirigentes do congresso procuraram o Secretário da Segurança Pública, exigindo informações acerca do discurso. Contudo, ressaltou que não foi chamado para comparecer à Secretaria (SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA DE PERNAMBUCO, 17 jul. 1964).

Uma das respostas mais firmes em defesa da Conferência do Nordeste foi registrada por Waldo Cesar, Secretário-Executivo do SRSI. O texto foi arquitetado em torno das denúncias levantadas pelo presb. Ebenezer Gueiros, relativa ao cartaz do evento e à presença de livros ideologicamente “perigosos” para inteligência cristã. No título da nota, destacam-se as palavras: “nada de marxismo!”. Queixava-se que era lamentável que muitos cristãos abdicassem das reivindicações sociais e da luta por justiça deixando-as para grupos políticos marxistas e materialistas. Desse modo, era necessário orientar-se em favor dos pobres para redescobrir o significado total da mensagem cristã. Ao direcionar-se para as acusações do líder fundamentalista, destacou que:

Enquanto isto, um grupo representado pelo Sr. Ebenezer Gueiros, que já se encontra à margem dos mais unânimes e expressivos movimentos cristãos da atualidade (**sua igreja foi inclusive excluída**

da comunidade presbiteriana) [grifo meu] agora também afirma a sua indiferença pela situação social e pelo povo brasileiro, com ataques inconsequentes e infantis àqueles que se reúnem seriamente para examinar as implicações de sua fé diante das transformações sociais que afetam de maneira tão profunda as estruturas sob as quais vivemos. [...] Ao contrário do sr. Gueiros que manifesta a sua preocupação exclusivamente pela alma humana, nós cremos na ressurreição do corpo – e por isto reconhecemos, **dentro da melhor ortodoxia** [grifo meu], a validade de todo esforço pela solução dos problemas materiais do homem. E “muito fácil deixar isto de lado, quando não se sente na própria carne o problema da fome, sede, doença e todas as tensões e sofrimentos da época em que vivemos, ou quando não nos identificamos com os que sofrem estas necessidades”. [...] Acusar de marxista os que pregam a justiça para todos, já está ficando fora de moda. Juntar letras de um cartaz e formar com elas o símbolo do comunismo, também pode ser feito com as letras do nome do Sr. Gueiros, tornar a côr vermelha exclusividade de um partido ou corrente ideológica é não só uma tolice que qualquer pessoa que tenha um mínimo de senso artístico repele, como esquecer que o vermelho, antes da revolução russa existir, já era côr litúrgica usada pela igreja cristã em todo o Mundo. Pena que o sr. Ebenezer Gueiros se esqueça de que a luta a favor do Homem e das suas necessidades permeia todos os textos dos Evangelhos (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 01 ago. 1962, p. 06).

Ao analisar o discurso de Waldo Cesar, observa-se que, mais uma vez, foi reportada a saída do Rev. Israel Gueiros, junto com a sua igreja local, do sistema de governo da IPB, para invalidar as imputações levantadas por Ebenezer Gueiros. Em outro momento, o Secretário-Executivo do SRSI tenta convencer o leitor de que os fundamentalistas protestantes são indiferentes às injustiças sociais que assolavam o cotidiano de muitos nordestinos. No entanto, deve-se levar em consideração que, apesar da forte tendência anticomunista, a Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil desenvolveu um consistente trabalho de assistência social.

As críticas em torno do cartaz foram tratadas como ingênuas, infantis, na medida em que, para o representante da CEB, enquadrar ou conceituar a Conferência do Nordeste como “congresso vermelho”, citando a presença de um livro ou retirando um trecho de uma das preleções era depreciar a capacidade de análise de um leitor. Por último, notamos uma preocupação de Waldo César em situar o encontro no escopo da ortodoxia protestante,

justificando a necessidade da preocupação social à luz dos evangelhos. Com isso, percebe-se como foi construído entre os protestantes uma disputa pela representação do que era a ortodoxia e os seus limites.

Com apoio ao pastor fundamentalista, o periódico *A Defesa* dedicou uma página da sua edição com o título: *“onde a mentira?”*. O texto tinha como proposta ratificar as acusações de Israel Gueiros, embora sem autoria, apontando a propaganda de esquerda e “patrocinadora de um socialismo vesgo”, que estaria presente entre os conferencistas (*A DEFESA*, 07 out. 1962, p. 02). Mais uma vez, se debateu sobre o cartaz do evento, espécie de propaganda marxista velada, a falta da Bíblia e de livros conservadores à venda. As últimas linhas da matéria assumem a defesa do pastor da Igreja Presbiteriana do Recife, especialmente sobre o ocorrido em 1956. Destaca-se no texto que:

É lamentável que se queira a todo custo assumir posição tão ostensiva contra o Rev. Israel Gueiros. É preciso pertencer à falange dos espíritos doentios ou ser de inteligência absurdamente embotada, para não aceitar os fatos em tôda sua crueza. [...] Em 1956 e após desigual luta do Rev. Gueiros, denunciando as incursões dos capitães modernistas no seio do evangelismo nacional, meio mundo caiu sôbre ele e contra êle vieram Gregos e Troianos. [...] Os recursos naturais e uma defesa legal foram desprezados e muito embora nunca tivesse sido possível a seus juízes provar o contrário de suas denúncias, foi o caso encerrado com a aplicação da pena de excomunhão (*A DEFESA*, 07 out. 1962, p. 02).

Para o autor do artigo, o reverendo Israel Gueiros é apresentado como um personagem injustiçado pelo poder burocrático da Igreja Presbiteriana do Brasil. Defendê-lo das acusações de ser um “ex-pastor” era preservar a disputa pela legitimidade do movimento fundamentalista, com a sustentação da narrativa de que os modernistas prosseguiram infiltrados nos territórios evangélicos. Podemos compreender como historicamente foi produzida, através de práticas articuladas, a representação em que se destacava a bravura do eclesiástico mediante a luta contra os agentes religiosos da Igreja Presbiteriana do Brasil e de outras denominações protestantes do país, acusados de abrirem as portas para os inimigos da fé cristã. Neste momento, não podemos perder de vista, que as representações são sempre determinadas por interesses de grupo que as forjam (CHARTIER, 2002, p. 17).

Em mais uma nota, também sem assinatura, a imprensa da IPFB definiu a Conferência do Nordeste como “Grossas Nuvens de Fumaça”, que estaria se processando sob a égide de um cristianismo falso, articulada por líderes “mascarados” que estão

arrastando as instituições evangélicas para a “ruína e a Pátria para um desmoronamento das mais sagradas garantias democráticas. Tudo tão falso quanto o sistema adotado por aqueles que sabiamente envolvem a tudo e todos”. (A DEFESA, 07 out. 1962, p. 03). O autor adota um tom de crítica mais forte contra o Supremo Concílio da Igreja Presbiteriana do Brasil, em razão da presença de pastores da Instituição como conferencistas e os discursos proferidos durante o evento. Em suas análises, indaga que:

Será possível que tais fatos não sejam do conhecimento dos que formam os altos escalões da Igreja. P. do Brasil? Só os dementes não entendem que algo está errado, que a Confederação não afina com o Supremo Concílio e ambos não estão com os ponteiros ajustados com o BRASIL PRESBITERIANO que já fez uma série de denúncias alertando a Igreja sobre a situação. Ou a Confederação está burlando a vigilância do Supremo Concílio ou este é que está passando um legítimo conto do vigário na comunidade presbiteriana do Brasil (A DEFESA, 07 out. 1962, p. 03).

O documento evidencia a política de vigilância do movimento fundamentalista perante a Igreja Presbiteriana do Brasil, mesmo após seis anos de ruptura com a Instituição. Para o autor do artigo, a presença de pastores da IPB entre os conferencistas – João Dias de Araújo, Joaquim Beato, Reitor do Seminário do Centenário, localizado em Vitória, Rubem Alves, Waldo César – era uma indicação de que o Supremo Concílio era transigente quanto à presença de ecumênicos e comunistas em seu meio. Para esse fundamentalista, os modernistas continuam formando uma “legião de encapuzados para tirarem as máscaras na primeira oportunidade” (A DEFESA, 07 out. 1962, p. 03). Nessa condição, pode-se acentuar que a identidade do movimento fundamentalista era traçada em termos de combate a certos inimigos. Nesse sentido, aponta-se como adversários o comunismo, o modernismo e o ecumenismo (ALVES, 1979, p. 38).

A partir de março de 1964, momento em que se comemoraria os dois anos da Conferência do Nordeste, assistiu-se ao arrefecimento do Estado Democrático e ao comprometimento dos poderes burocráticos das igrejas protestantes com os militares. Com a nova ordem política, veio o fim do Setor de Responsabilidade Social da Igreja e o de Ação Social da Igreja da Confederação Evangélica Brasileira. Setores progressistas foram desarticulados entre Presbiterianos, Batistas e Metodistas. Muitos pastores comprometidos com estudos e ações sociais tiveram que sair do país para não cair nos porões dos quartéis. As circunstâncias simbolizavam o triunfo do pensamento conservador sobre as novas linguagens teológicas e o avanço do diálogo inter-religioso, situação que perdurou até o fim da década de 1970.

No entanto, o sociólogo Joanildo Burity lembra que os processos de desarticulações da agenda progressista entre as denominações evangélicas brasileiras antecedem o próprio golpe militar. Para o autor, a reação conservadora se aglutinou de modo mais rápido e eficiente no interior das organizações protestantes, através da aplicação de numerosos mecanismos inquisitoriais, antes que os militares o fizessem (BURITY, 2011, p. 68).

Para o Rev. Joaquim Beato, analisando os desdobramentos da Conferência do Nordeste após 50 anos, os motivos que levaram o grupo de progressistas a se reunir com intelectuais e lideranças políticas ainda continuam relevantes e desafiadores. As transformações sociais e econômicas desejadas pelos conferencistas não foram alcançadas e o protestantismo brasileiro “ainda se recusa a tarefa de pensar a realidade social do nosso País” (BEATO, 2012, p. 35).

Considerações Finais

Embora alguns estudiosos das religiões afirmem que os protestantes, no século XIX e início do século XX, não estabeleceram pontes com a sociedade brasileira, mantendo ideologias e valores importados da realidade estadunidense, partimos do pressuposto de que desde os seus processos de formação, as igrejas protestantes brasileiras tiveram que lidar com questões próprias da cultura, respondendo às tensões e dinâmicas impostas pelas situações históricas. As ampliações do modo de pensar e operar a teologia entre presbiterianos, metodistas, anglicanos, batistas entre outras denominações acompanhavam os processos de abertura democrática após o fim da ditadura Vargas (1937-1945), a ampliação das universidades, da imprensa, dos movimentos sociais e culturais que se externavam nos meados do século XX.

As tensões políticas que desencadearam vigilâncias, acusações, medo entre presbiterianos, nos meados do século XX, não devem ser analisadas distantes da tessitura social. As disputas narradas durante o artigo vão ao encontro das contribuições de Roger Chartier, ao utilizar o conceito de representação de mundo, idealizado por interesses de grupos sociais (CHARTIER, 2002, p. 17). As fontes que nos levaram a compreender a atmosfera da Conferência do Nordeste não foram tratadas “como possibilidade de instituir totalidades; são fragmentos que devem ser avaliados em sua potência multiplicadora de criar novos significados” (GUIMARÃES, 2010, p. 02).

O filósofo Walter Benjamin advertia que “a tradição dos oprimidos nos ensina que o estado de exceção em que vivemos é na verdade a regra geral” (BENJAMIN, 1994, p. 226). Nesse sentido, pode-se afirmar que as práticas de vigilância, controle, adotadas durante o regime dos civil-militares, resultaram de uma política de endurecimento de práticas existentes antes do golpe que pôs fim ao governo de João Goulart. O reverendo

Israel Gueiros e outros membros da Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil adotaram dispositivos de poder para acusar os teólogos progressistas e participantes da Conferência do Nordeste de se utilizarem dos seus cargos e prestígio entre os jovens, com o objetivo de disseminar o comunismo e o materialismo histórico. Para a mentalidade fundamentalista, os conferencistas eram “desertores da ortodoxia” e não podiam ser tratados como evangélicos.

Quanto às acusações em torno da presença de elementos comunistas na Conferência, com base nas documentações, compreendemos que os participantes mantinham coerência com os debates relacionados com as questões que envolviam os trabalhadores rurais, a reforma agrária, o subdesenvolvimento e a miséria que assolava uma quantidade considerável de nordestinos na década de 1960. Majoritariamente os conferencistas não se identificavam com a corrente comunista, mas eram defensores de um diálogo aberto com os críticos do sistema capitalista, para tal, incluindo socialistas e marxistas, com o propósito de encontrar uma resposta cristã para a crise da realidade social brasileira. Todavia, a construção do discurso de desqualificação em torno do IV Encontro do SRSI responde às problemáticas que lidavam com as tensões da Guerra Fria, Revolução Cubana e os avanços da pressão pelas reformas de base.

Fontes:

ISPO ENVAGÉLICO: “Igreja não pode conformar-se com a exploração”. Última Hora, Recife. 26. jul. 1962.

CONFERÊNCIA EVANGÉLICA apenas se preocupou com os problemas dos homens: nada de marxismo. **Diário de Pernambuco**, Recife. 01 ago. 1962.

CONFERÊNCIA EVANGÉLICA, Infiltrada de Vermelhos, faz Propaganda Subversiva. Diário de Pernambuco. Pernambuco, 29 de jul. 1962. n. 169, p.12.

CONGRESSO EVANGÉLICO Dominado por Vermelhos: Pastor Denuncia. Diário de Pernambuco. Pernambuco, 24 de jul. 1962. N. 164, p.3. CONVERSA DE 5 MINUTOS. **A Defesa**, Recife. 07 out. 1962, p. 5.

CRISTO PRESENTE na crise brasileira. Última Hora, Recife. 22 jul. 1962, p. 01.

EVANGÉLICOS: NOVOS RUMOS para igreja dentro da revolução! Última Hora, Recife. 23 jul. 1962.

EVANGELISTAS: Igreja deve assumir vanguarda na revolução social. Última Hora, Recife. 25 jul. 1962.

EVANGELISTAS iniciam conferência: Cristo presente na crise brasileira. **Última Hora**, Recife. 22 jul. 1962, p. 07.

GROSSAS NUVENS de fumaça. **A Defesa**, Recife. 07 out. 1962.

ONDE A MENTIRA? **A DEFESA**, Recife. 07 out. 1962, p. 02.

OLHAI OS LÍRIOS do Campo. **A Defesa**, Recife, 07 out. 1962.

Referências:

- ALVES, Rubem. **Dogmatismo e Tolerância**. São Paulo: Paulinas, 1982.
- ALVES, Rubem. **Protestantismo e repressão**. São Paulo: Ática, 1979.
- BEATO, Joaquim. A Conferência do Nordeste 50 anos depois (1962-2012). In: ROSA, Wanderley Pereira da, ADRIANO FILHO, José Adriano Filho (Org.). **Cristo e o processo revolucionário brasileiro: A Conferência do Nordeste 50 anos depois**. Rio de Janeiro: Ed. Mauad X, 2012.
- BELLOTTI, Karina Kosicki. História das Religiões: conceitos e debates na era contemporânea. História. **Questões e Debates**, Curitiba, v. 55, p. 13-42, 2011. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/26526>. Acesso em: 04 set. 2023.
- BELLOTTI, Karina Kosicki. Pluralismo protestante na América Latina. In: BELLOTTI, Karina Kosicki; SILVA, Eliane Moura; CAMPOS, Leonildo Silveira. (Org.). **Religião e Sociedade na América Latina**. São Bernardo do Campo: Editora da Universidade Metodista de São Paulo, 2010.
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas**. Volume 1: Magia e técnica, arte e política. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994.
- BURITY, Joanildo. **Fé na revolução: protestantismo e o discurso revolucionário brasileiro (1962-1964)**. Rio de Janeiro: Editora Novos Diálogos, 2011.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim; PRADO, Maria Lígia Coelho. **O bravo matutino: imprensa e ideologia no jornal “O Estado de S. Paulo”**. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1980.
- CÉSAR, Waldo et al. **Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro: A Conferência do Nordeste Vol. I**. Rio de Janeiro: Lóqui, 1962.
- CÉSAR, Waldo et al. **Cristo e o Processo Revolucionário Brasileiro: A Conferência do Nordeste Vol. II**. Rio de Janeiro: Lóqui, 1962.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.
- CONN, Harvie; STURZ Richard. **Teologia da libertação: suas raízes, seus proponentes e seu significado hoje em dia**. São Paulo: Mundo Cristão, 1984.
- COSTA, Isaque de Góes. **Origens históricas da Igreja Presbiteriana Unida do Brasil**. (Dissertação em Ciências da Religião). Faculdade Unida de Vitória, 2017.
- COUTROT, Aline. Religião e política. In: RÉMOND, René (Org.). **Por uma história política**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.
- DE LUCA, Tânia Regina. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla Bessanezi (Org.). **Fontes Históricas**. 3a Ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- EDITORES. **Waldo César: vida e compromisso com a Responsabilidade social da igreja**. Novos 20 jun. 2011. Disponível <http://www.novosdialogos.com/artigo.asp?id=596>>. Acesso em: 31 mar. 2015.

- FERREIRA, Jorge. O Governo Goulart e o golpe civil-militar de 1964. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves (Org.). **O tempo da experiência democrática: da democratização de 1945 ao golpe civil-militar de 1964**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003 (Col. “O Brasil Republicano”, vol. 3) 2019.
- GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. Historiografia & narrativa: do arquivo ao texto. **Revista Clio**, Recife, v. 1, n. 28, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaclio/article/view/24245>. Acessado em: 08 mar. 2020.
- MATTOS, Domício Pereira de. **Posição Social da Igreja**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Editora Praia, 1965.
- OLIVEIRA, Gustavo Gilson Sousa de. **Pluralismo e novas identidades no cristianismo brasileiro**. Tese (Doutorado em Sociologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, 2009.
- PORFÍRIO, Pablo Francisco de Andrade. **Pernambuco em perigo: pobreza, revolução e comunismo (1959-1964)**. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CFCH. História, 2008.
- RAPP, Robert S. **A Confederação Evangélica do Brasil e o evangelho social**. São Paulo: Missão Bíblica Presbiteriana do Brasil, 1965.
- SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA DE PERNAMBUCO/Ofício nº 895, de 17 de julho de 1964/Termo de Declaração que presta Israel Furtado Gueiros, de 26 de junho de 1964. Documentação localizada no arquivo digital Brasil: Nunca Mais, pasta 266, p. 3098. Acesso em: 01 jun. 2022.
- SILVA, Elizete da. **Protestantismo ecumênico e realidade brasileira: evangélicos progressistas em Feira de Santana**. Feira de Santana: Editora da UEFS, 2010.
- SILVA, Héleron. O movimento de juventude protestante. In: SILVA, Héleron; MOURA, Enos Filho; MORAES, Mônica (Orgs.). **Eu faço parte desta História**. Relatório da Secretaria de Cultura – Comissão de História da Mocidade – da Confederação Nacional da Mocidade da Igreja Presbiteriana do Brasil, 2002.
- SILVA, Severino Vicente. **Anotações para uma visão de Pernambuco no início do século XX**. Recife: Editora da UFPE, 2014.
- SOUZA, José Roberto de. **“Ontem, Simonton. Hoje, McIntire”**: o surgimento e o desenvolvimento da Igreja Presbiteriana Fundamentalista do Brasil na cidade do Recife (1956-1995). Tese de doutoramento em Ciências da Religião, PPG de Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco, 2019.

Recebido em: 4/09/2023
Aprovado em: 15/07/2024